



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

FALA RUDIMENTAR E QUASE BÁRBARA: QUEBRA DE PRECONCEITOS E A RASURA DO PROTÓTIPO NORMA-PADRÃO NO ESTUDO DO MODO SUBJUNTIVO

Vania Raquel Santos Amorim
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: quelva@hotmail.com

Valéria Viana Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: valeriavianasousa@gmail.com

INTRODUÇÃO

A escola, durante muito tempo (e ainda persiste até hoje), nas suas orientações e tradições, considera apenas o dialeto padrão da língua como a variedade correta. Distante dessa forma canonizada, os usos de outras variedades são considerados erros ou barbáries. Considerar outras variedades que se afastam do protótipo de língua como falas rudimentares ou toscas sem uma base científica rigorosa não tem fundamento, caindo, então, simplesmente, nas teias do preconceito linguístico.

Como bem coloca Possenti (1996), o dialeto padrão constitui apenas uma das muitas variedades da língua e, por essa razão, a gramática normativa só dá conta de explicar apenas um subconjunto dos fatos de uma dada língua. Por razão dos privilégios recebidos por escritores e gramáticos renomados desse dialeto, essa variedade nos parece menos rude e melhor, no entanto, essa impressão, como salienta o autor, não é justificativa para a crença preconceituosa difundida fortemente na sociedade “[...] de que outras variedades são linguisticamente inferiores, erradas e incapazes de expressar o pensamento” (POSSENTI, 1996, p. 77).

Por esse preconceito linguístico ainda estar tão enraizado no nosso convívio democrático, faz-se necessário à continuidade da discussão em torno da variação linguística nas salas de aula. Perguntamo-nos, os livros didáticos trazem, em seus conteúdos, a abordagem dos fenômenos variáveis da língua e refletem sobre esses usos da linguagem e do preconceito linguístico? Para uma possível resposta, estamos cientes de que a heterogeneidade é um parâmetro que o Programa Nacional do livro didático (PNLD) e que há indicação de que esse conteúdo seja inserido na elaboração do livro



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

didático, com isso conjecturamos que a variação linguística seja um parâmetro que esteja presente na abordagem dos seus conteúdos.

Posto isso, o objetivo deste trabalho é analisar a abordagem da variação do modo subjuntivo no volume 2 da coleção do livro didático “PORTUGUÊS: contexto, interlocução e sentido” de Abaurre, Abaurre e Pontara (2013) e na língua oral da comunidade conquistense.

É importante salientar que nos apoiaremos nas teorias Sociolinguística, Funcionalismo e Sociofuncionalismo, teorias que sustentam pesquisas de fenômenos variáveis na língua e que são relevantes para a descrição do português falado, para a constituição da história da língua e para o rompimento de preconceitos linguísticos.

METODOLOGIA

Os dados da nossa pesquisa foram extraídos do volume 2 da coleção do livro didático “PORTUGUÊS: contexto, interlocução e sentido” de Abaurre, Abaurre e Pontara (2013) e de 24 informantes do *Corpus* Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e pelo Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo - CNPq com informantes sem escolaridade ou com até 5 anos de escolarização.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A abordagem a respeito do modo verbal subjuntivo no livro didático “PORTUGUÊS: contexto, interlocução e sentido” está restritamente associada a ações que transmitem incerteza, hipótese e desejo. Vejamos:

- (1) Que o novo ano **traga** saúde, alegria e prosperidade para todos!
- (2) Não havia CD dos Titãs que ele não **comprasse**. (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 264-266).

Os exemplos trazidos, ao longo do livro didático na explanação do modo verbal subjuntivo e na maioria das 37 propostas de atividades, tratam de verbo focando nos seguintes objetivos, dentre outros: “(1) Compreender as características da classe dos verbos. (2) Reconhecer o sentido dos diferentes tempos verbais e saber utilizá-los de acordo com o contexto.” (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p.257).

Os poucos exemplos inseridos no livro didático que tratam da variação do modo



subjuntivo são apontados como construções equivocadas, que devem ser evitadas e, assim, corrigidas como nos exemplos que seguem

(3) Eu preciso que você **faz** isso para mim.

(4) Você quer que eu **faço** isso para você? (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p.257).

Assim, evidenciamos não só a supervalorização da norma-padrão da língua, como, também, percebemos a falta de uma explicação consistente para compreendermos quais os fatores que influenciam o processo de variação na língua em uso.

Partimos, então, para a busca de subsídio na teoria Sociofuncionalista, buscando uma explicação para o dado de fala a seguir:

(5) Ele disse: “[...] eles não qué que eu banhe aqui no colo. Quer que eu vô... vô pá casa de seu Herciloou pá casa de Amorim.” (E.L.C, *CORPUS PPVC*).

Observamos, nesse excerto de fala, o uso da forma subjuntiva na primeira oração subordinada o que indica, no valor desse modo, incerteza do fato expresso segundo prescreve a Gramática Normativa. No entanto, na segunda oração subordinada, temos outra forma – o indicativo – que constitui uma espécie de estratificação do subjuntivo, em termos funcionalistas ou de variação do modo subjuntivo, em termos sociolinguísticos. O que podemos observar, nessa amostra de fala, é que, na segunda oração completiva, o uso do modo indicativo não revela um fato real, conforme prescrito tradicionalmente, mas mantém o valor nocional de incerteza mesmo sem o uso da forma subjuntiva.

É necessário frisar que a emergência da nova forma - o indicativo – não acarreta, necessariamente, o desaparecimento da forma mais antiga – o subjuntivo – e, então, neste momento, tomamos a posição de acionar três dos cinco princípios funcionalistas estabelecidos por Hopper (1991) para entendermos os estágios e graus de Gramaticalização pelos quais o subjuntivo pode passar: estratificação, divergência e persistência.

Para Hopper (1991), o princípio da estratificação em relação ao nosso fenômeno linguístico ocorre da seguinte maneira: dentro de um mesmo domínio funcional, a forma indicativa surge como uma nova camada que marca a função que é exercida pela forma mais velha – o subjuntivo como observado no fragmento de fala 5 supramencionado.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A forma variante pode passar pelo Processo de Gramaticalização, mas a sua forma mais antiga pode se manter como um item autônomo, tomando rumos distintos na língua, processo conhecido como divergência. E, se o valor de subjuntivo permanece, mesmo que, no processo de alternância, a forma utilizada seja a forma indicativa, Hopper (1991) categoriza esse tipo de processo como princípio da persistência.

Sabemos que essa variação/estratificação ocorre porque o contexto comunicativo pressiona o sistema linguístico em virtude de uma necessidade de uso. Conseqüentemente, isso gera uma contínua remodelação ou reorganização das estruturas linguísticas e esses princípios estabelecidos por Hopper (1991) vêm trazer à luz a visão da gramática emergente, esclarecendo, assim, como esses processos e estágios da Gramaticalização podem ser compreendidos.

Posto essa visão de gramática emergente, o tratamento dado ao modo verbal subjuntivo no livro didático demonstra uma visão de língua (ainda) homogênea. Resgatando Lima (2014) e a sua pesquisa que tem como foco averiguar a variação linguística nos livros didáticos, seguimos o seu pensamento rumo a uma proposta sociolinguística que seria a inserção de exercícios no livro didático que abarquem a norma não padrão da língua como um benefício de aproximar a abordagem dos conteúdos nos livros didáticos com a realidade linguística dos alunos.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, observamos como o fenômeno variável da língua “modo verbal subjuntivo” foi abordado no livro didático “PORTUGUÊS: contexto, interlocução e sentido” e na língua oral da comunidade conquistense.

Observamos que o conteúdo verbo, no livro didático, teve uma abordagem rumo à língua homogênea sem uma explicação coerente a respeito do fenômeno variável do modo subjuntivo na língua oral.

Vimos que a variação do modo subjuntivo no *Corpus* PPVC pôde ser explicada a partir da teoria Sociofuncionalismo, resgatando os princípios de gramaticalização, estratificação, divergência e persistência.

Chegamos à conclusão do quanto é importante que os professores tenham um embasamento sólido das teorias que explicam os processos de variação na língua para erigir não só a sua ação pedagógica, bem como conduzirem os alunos rumo à



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

competência discursiva. Também é importante se pensar em uma inserção maior de atividades que abarquem a norma não padrão nos livros didáticos com explicações consistentes e coerentes para, assim, contemplar a realidade linguística do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Norma-Padrão; Preconceito Linguístico; Variação.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. v.2. 2 ed. São Paulo: moderna, 2013.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

LIMA, Ricardo Joseh. Variação Linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SO: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SOUSA, Valéria Viana; SILVA, Jorge Augusto Alves da. **Português Popular de Vitória da Conquista**, 2013. Projeto do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo, UESB, 2013.